

## “É DE ITABAIANA!” A FEIRA LIVRE DE ITABAIANA NO ESPAÇO E TEMPO DO CAPITALISMO<sup>1</sup>

Fabrcia de Oliveira Santos<sup>2</sup> 

Francielle dos Santos de Jesus<sup>3</sup> 

### Destaques:

- A feira livre como uma fonte geográfica e histórica sobre formação territorial.
- A feira livre e a reprodução social de vida de camponeses e de populações urbanas.
- As feiras na formação de cidades.
- A feira livre na mediação de conflitos: o acesso aos alimentos.

**Resumo:** A atividade comercial feira livre é vital à relação campo cidade na diminuição de desigualdades sociais no acesso a alimentos. Por esta condição, a sua permanência e desaparecimento estão na produção do espaço em diversas escalas geográficas e temporais da humanidade. A feira pode ser uma fonte geográfica e histórica? Enquanto fonte fortalece a sua existência? Questões analisadas na Feira de Itabaiana, em Sergipe sob o escopo do materialismo histórico e dialético. Como resultado desvela-se a Feira de Itabaiana como uma referência patrimonial, de reprodução social de vida de camponeses e de populações urbanas, uma fonte, contém espacialidade e historicidade. A Feira está nas mediações, contradições e na totalidade do movimento do capital, constituída sobremodo pelo trabalho camponês. É uma marca de ocupação humana na formação territorial sergipana.

**Palavras-chave:** Feira de Itabaiana; Formação Territorial; Campo Cidade; Fonte Histórica e Geográfica; Produção e Reprodução Social.

### “IT’S FROM ITABAIANA!” ITABAIANA STREET MARKET IN THE CAPITALISM SPACE-TIME

**Abstract:** The ‘street market’ commercial activity is vital to the country-city relationship in reducing social inequalities in food access. Hence, its permanence and disappearance manifest itself in the production of space in several geographical and temporal scales of humanity. Can the street market be a geographical and historical source? As a source does it strengthen its existence? These questions are analyzed in the Itabaiana Fair, in Sergipe, using the historical and dialectical materialism. As a result, the Itabaiana Fair is unveiled as a patrimonial reference, of social reproduction of peasant and urban life, a source, it contains spatiality and historicity. The Fair exists in the intersection of the mediations, contradictions and totality of the capital

<sup>1</sup> Pesquisa decorrente do Projeto Costume, terra e trabalho camponês na formação territorial de Itabaiana, Sergipe; Plano de Trabalho: Reordenamentos na Feira de Itabaiana, Sergipe (COPEs/UFS/CNPq). Um resumo parcial desta pesquisa foi discutido no Grupo de Trabalho Campesinato e Agronegócio, no VI Encontro Nacional e XII Fórum Estado, Capital, Trabalho (2021).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Geografia - UFS - Campus Prof. Alberto Carvalho (Itabaiana/SE). E-mail: fabricia@academico.ufs.br

<sup>3</sup> Graduada no Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho (Itabaiana/SE). E-mail: francii5osaantos@gmail.com

movement, constituted mainly by peasant labor. It is a mark of human occupation in the territorial formation of Sergipe.

**Keywords:** Itabaiana street market; Territorial Formation; Country-City; Historical and Geographic Source; Production and Social Reproduction.

## “IES DE ITABAIANA!” LA FERIA CALLEJERA DE ITABAIANA EN EL ESPACIO Y EL TIEMPO DEL CAPITALISMO

**Resumen:** La actividad comercial de la feria callejera es vital en la relación entre el campo y la ciudad para reducir las desigualdades sociales en el acceso a los alimentos. Por esta condición, su permanencia y desaparición está en la producción del espacio en varias escalas geográficas y temporales de la humanidad. ¿La feria puede ser una fuente geográfica e histórica? ¿Como fuente se refuerza su existencia? Estas preguntas se analizan en la Feria de Itabaiana, en Sergipe (Brasil), bajo el ámbito del materialismo histórico y dialéctico. Como resultado, la Feria de Itabaiana se revela como una referencia patrimonial, de reproducción social de la vida de los campesinos y de las poblaciones urbanas, una fuente, que contiene espacialidad e historicidad. La Feria está en las mediaciones, contradicciones y en la totalidad del movimiento del capital, constituido principalmente por el trabajo campesino. Es una marca de ocupación humana en la formación territorial de Sergipe.

**Palabras clave:** Foire d'Itabaiana; Formation Territoriale; campagne-ville; Source Historique et Géographique; Production et Reproduction Sociales.

## INTRODUÇÃO

O conflito entre o campo e a cidade era mediado pelo preço do pão (THOMPSON, 1998, p. 153).

A afirmação de Thompson (1998), em epígrafe, levanta questões sobre o papel do alimento para a classe trabalhadora inglesa no século XIX. A produção e o consumo de alimentos talvez se constituam no cerne das questões mundiais desde sempre, uma vez que nutrir a população é um grande desafio e, sob o capitalismo é um mecanismo a mais para controlar a desigualdade social nesse sistema, como analisou Engels na *Situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (ENGELS, 2008).

Será que o conflito entre o campo e a cidade permanece mediado pelo preço de algum alimento? Onde se dá essa mediação? Estas questões emergiram no estudo da formação territorial do município sergipano de Itabaiana, em meio a uma feira livre, identificada como marca: “é de Itabaiana”. Existem feiras em todos os lugares, por que essa é importante? Após pesquisas de observação em campo, e interações com estudantes de graduação de

Geografia, compreende-se que a Feira de Itabaiana<sup>4</sup> exerce funções necessárias à produção e reprodução da vida no campo e na cidade. Porém, a sua realização é naturalizada como algo ao acaso, pouco se atém ao seu papel na superação da relação campo cidade capitalista (MARX; ENGELS, 2001).

A Feira de Itabaiana<sup>5</sup>, realizada periodicamente há mais de um século (BISPO, 2013; CARVALHO, 2001) foi desafiada metodologicamente como uma fonte geográfica e histórica desse município, uma marca de ocupação humana, de cultura (EAGLETON, 2011). Segundo Pinsky (2010, p. 7) “Historiadores trabalham com fontes”, mas geógrafos também trabalham com fontes que possibilitem ler formações territoriais entranhadas em distintos suportes do conhecimento, e a Feira contém categorias analíticas necessárias à geografia: paisagens, territórios, lugares, regiões, espaço, tempo, trabalho, natureza que permitem construir um acesso à realidade concreta.

Do que foi observado *in loco*, a Feira de Itabaiana seria uma fonte que contém e está contida na categoria formação territorial (MORAES, 2011), por ser e ter espaço, mediante o trabalho humano, para aquisição de víveres e de objetos não produzidos em todos os lugares, como aqueles utilizados por populações camponesas, sobremodo. Uma observação que se assemelha, apesar da distância espaço tempo, ao que Fossier (2018), diz sobre feiras na Idade Média no Ocidente europeu:

Eis aqui os ovos e as galinhas, os machados e as facas, as camisas e as sandálias levados para a venda. A transação mercantil somente poderia ser uma permuta, uma troca de bens. Os tempos medievais conheceram até o século XII esses procedimentos de tipo rudimentar: barra de sal por cavalo, saco de trigo por lança (...) A partir do século XII, o comércio medieval atravessou uma nova etapa, a das feiras (FOSSIER, 2018, p. 200-201).

O tempo de estudo da Feira de Itabaiana, no estado de Sergipe, no Brasil, não é o medievo, e o espaço não é o europeu, mas na opção de método, reside o papel da história, da historicidade na análise do ‘fenômeno’ estudado, não no

---

<sup>4</sup> Quando a palavra feira estiver iniciada por letra maiúscula, estaremos nos referindo à Feira de Itabaiana.

<sup>5</sup> O Decreto Lei nº 74, de 10 de julho de 1952, da Prefeitura Municipal de Itabaiana diz no Art. 1º - Fica criado uma feira livre, nos dias de 4ª feira, no Largo Santo Antônio, das 6 às 12 horas (ITABAIANA, 1952). Carvalho (2001, p. 497) registra a Feira nesse Largo, antiga Praça Santo Antônio, antes de 1952.

sentido de causas e efeitos, mas seus rebatimentos na longa duração na/da formação de territórios sob a lógica do capitalismo. Assim, é preciso ter noção das origens dessa forma de comércio no interior da totalidade das relações de produção e reprodução das condições de vida, para entender o que é a feira em análise, e o que pode ser inferido sobre a sua permanência ou desaparecimento.

O município de Itabaiana possui uma área de 337,295 Km<sup>2</sup>, e uma população estimada em 96.142, o 4<sup>o</sup> mais populoso de Sergipe em 2020 (BRASIL, IBGE, 2020). Um município brasileiro com feições estatísticas que apontam um ganho cada vez maior de população urbana<sup>6</sup> (IBGE, 2015), o que talvez seja resultado de unidades de produção agrária abaixo dos limites de um módulo fiscal<sup>7</sup>, necessários à produção e a reprodução social camponesa<sup>8</sup>.

Itabaiana está em um vale de afluentes dos rios Sergipe e Vaza Barris. Dois dos rios que ‘nascem’ no estado da Bahia, atravessam Sergipe no sentido Oeste-Leste e desaguam no Oceano Atlântico, que estimularam tanto a penetração quanto à permanência de populações (Figura 1).

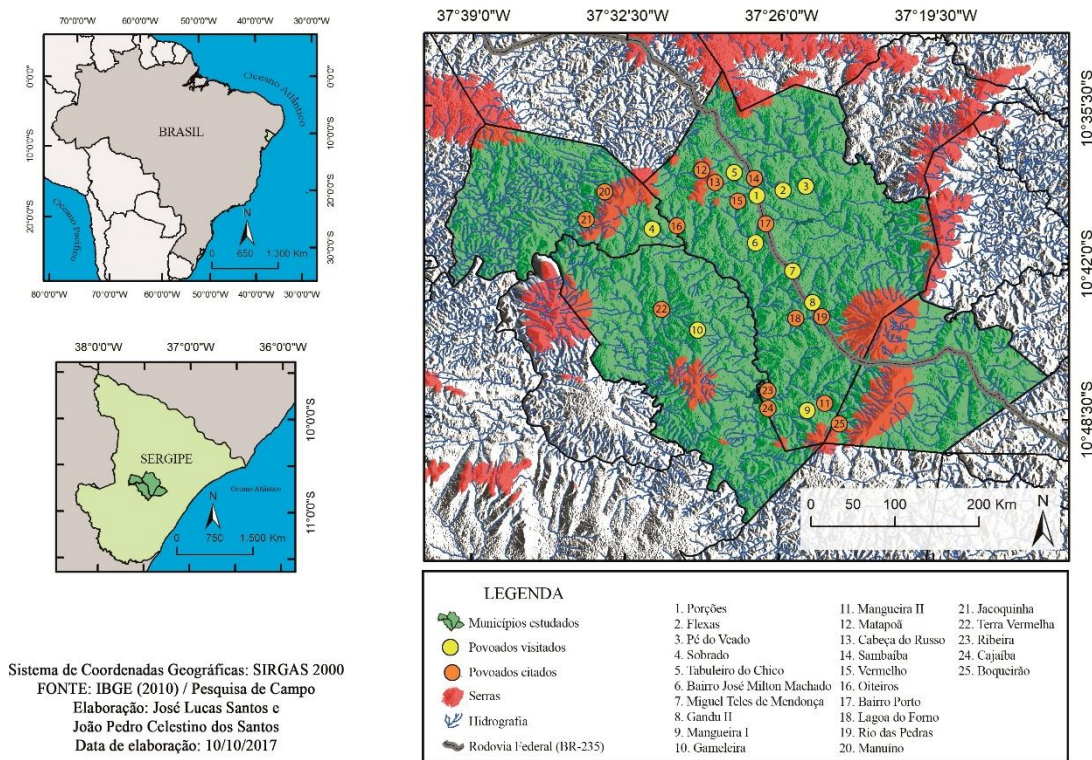
---

<sup>6</sup> Ano 2000: população urbana – 55,47%; rural – 21,33%. 2010: urbana – 67,70; rural: 19.25% (SERGIPE. EMDAGRO, 2018).

<sup>7</sup> “Seu valor expressa a área mínima necessária para que uma unidade produtiva seja economicamente viável”. Para Itabaiana são 20 ha (BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, EMBRAPA, 2021), mas grande parte dos minifúndios de Itabaiana em 2012 possuía 14 ha (BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Mapa Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA Superintendência Regional e Sergipe – SR 23, 2021).

<sup>8</sup> Essa perda de terras, dos meios de produção, é uma condição analisada por Hobsbawm (2011); Luxemburgo (1970); MARX (2013).

Figura 1 - Localização de Itabaiana, Sergipe



Fonte: SANTOS; SANTOS (2017).

O referido município está entre serras, inclusive a que confere o topônimo ao município, a Serra de Itabaiana, além de outras, como a Serra Comprida. Uma condição geomorfológica de desníveis acentuados que ajudou deixar a localidade sob um certo isolamento da capital Aracaju, principalmente até a construção de estradas (BISPO, 2013, p. 161; CARVALHO, 2001, p. 39; LIMA JUNIOR, 1914, p. 133).

Este vale não é o *Vale de Campan*, de Lefebvre (2011), mas este autor apresenta possibilidades de como aventar condições geográficas, histórico-sociológicas singulares em meio às particularidades de territórios ‘isolados’: “[...] manteve durante muito tempo, uma originalidade (...). Mas que, ao mesmo tempo, ele nunca foi isolado, separado da história geral” (LEFEBVRE, 2011, p.

112). No caso de Itabaiana, seu território integrou a pré-história sergipana<sup>9</sup>, e tangenciou processos de colonização da América Ibérica e seus desdobramentos, com singularidades ressignificadas e originais de contatos e de confrontos. Fato que não é específico apenas para Itabaiana, mas no Brasil Colônia de maneira geral:

As transformações econômicas e sociais, a diversidade das condições locais e as novas políticas nacionais contribuíram para tornar a tarefa do governo municipal no império português cada vez mais complexa (RUSSEL-WOOD, 2014, p. 306).

A partir dessas análises, este texto desvela, no espaço tempo do capitalismo, uma possível fonte de estudo de processos socioespaciais – a Feira de Itabaiana: traços de sua espacialidade e historicidade através de pesquisa histórica e geográfica em fontes documentais, bibliográficas, pesquisa por observação em campo, “e quando faltaram documentos oficiais, os relatos” (ENGELS, 2008), que no estudo em apreço são relatos de feirantes, camponeses, compradores (FORMAN, 2009). Tem como referencial teórico-metodológico de pesquisa e de interpretação (MORAES; COSTA, 1984) o materialismo histórico e dialético, entre mediações, totalidade e contradições na Feira no espaço e tempo do capital.

## **METODOLOGIA**

### **Construir a espacialidade e a historicidade da fonte**

A pesquisa foi balizada pela metodologia empregada por Engels (2008): pesquisa de observação em vários dias e horários de realização da Feira; conversas informais com pessoas diretamente ligadas à produção e ao comércio de víveres, e a pesquisa documental em fontes primárias impressas, e em dados na Prefeitura Municipal e outras instituições: notícias, legislações, para obter, por exemplo, reordenamentos do espaço da Feira. A pesquisa bibliográfica buscou obras teóricas que dialogam com o método de análise, outras específicas sobre o tema e contextos.

---

<sup>9</sup> Apesar de poucos estudos, a toponímia de algumas povoações de Itabaiana, Tapera por exemplo, e relatos de alguns moradores mais antigos referem essa presença. Bispo (2013, p. 60) insere a última batalha ibérica da conquista de Sergipe em Itabaiana.

Para ampliar a compreensão sobre a Feira foi elaborado, via *Google Forms*, um questionário eletrônico Composto por dezoito questões abertas e fechadas enviado através de aplicativo para celular. Recurso utilizado devido aos perigos da pandemia de Covid 19 (2020-2021) que limitaram o acesso às pessoas. Foram remetidas trinta mensagens<sup>10</sup> com o *link* do formulário, e o retorno de vinte e quatro participantes, cotejados nos resultados deste texto.

Com a pesquisa de observação foi possível construir a seguinte imagem: A Feira Livre de Itabaiana ocupa espaço na área central da cidade, territorializado para comércio e serviços, associados, sobretudo, ao trabalho na terra. Principalmente frutas, verduras, legumes, grãos (feijões verdes e secos), farinha de mandioca, carne verde, e raízes (batata doce, inhame e macaxeira), muitos ainda dentro da “época”, ou seja, de acordo com a sua sazonalidade com emprego de conhecimento tradicional na produção.

Destacam-se também produtos ‘fora de época’, como algumas frutas e outros itens geneticamente modificados disponíveis durante todo o ano; e os não alimentícios, como: roupas, calçados, eletrônicos, objetos de fibras vegetais (chapéus, esteiras, pavios, cordas, vassouras, espanadores), de madeira (pilões, gamelas, colheres, brinquedos, cabides de parede, móveis, cabos para ferramentas), de barro (potes, panelas, caqueiros, chaminés para fogão à lenha), de ferro (lâminas para máquinas forrageiras, foices, enxós, enxadas, estrovengas), de flandres e de latas reutilizadas (pás, candeeiros), de couro (arreios, chicotes, cintos), rochas (‘pedras de amolar’), que aos poucos vêm diminuindo a presença no espaço conhecido como “Feira das Panelas”. Além da ocorrência de bancas de ‘jogos’ de azar, pedintes, carregadores de mercadorias, vendedores ambulantes.

É realizada nas quartas e sábados. Começa no ‘clarear’ do dia e segue ao meio da tarde. Esses dias, podem ser alterados devido a alguns feriados, e estabelecimentos comerciais e de serviços no entorno, e próximos à feira, não fecham para o almoço. Nos mercados por sua vez, o movimento só diminui nos domingos e segundas. Nas quintas ocorre a “Feira da Pedra”, das compras “em grosso” de algumas mercadorias, segue até a madrugada com intensa

---

<sup>10</sup> Número a partir da disponibilidade de contatos telefônicos obtidos.

movimentação de caminhões e carroças (Quadro 1). Neste processo constata-se a relação direta de caminhoneiros, atravessadores, e (des)carregadores de mercadorias<sup>11</sup>.

**Quadro 1** - Dias e locais de realização da Feira e outras atividades relacionadas<sup>12</sup>

<b>Dia da semana</b>	<b>Local de realização</b>
Terça	Entre os mercados Zezé de Bevenuto e João do Volta,
Quarta	Entre a Av. Otoniel Dórea e o Largo Santo Antônio, e ruas adjacentes
Quinta	Feira da Pedra – entre a Av. Otoniel Dórea com a Capitão Mendes; Rua Benjamin Constant - Mercado
Sexta	Entre os mercados Zezé de Bevenuto e João do Volta
Sábado	Entre a Av. Otoniel Dórea e o Largo Santo Antônio, e ruas adjacentes

Fonte: As autoras (2022).

O movimento da/na Feira é reordenado diante às demandas do capital: “esse espaço não está dissociado da própria lógica das relações de exploração do sistema, na qual o seu objetivo é sempre a exploração da força de trabalho e o lucro” (SOUZA, 2021, p. 17). Entre os reordenamentos, a proposta de deslocar os serviços do Mercado de Hortifrutigranjeiros, setor importante da Feira, para uma central de abastecimento (CEASA), inaugurada em fevereiro de 2021 (CARVALHO; COSTA, 2021); e uma proposta da Prefeitura Municipal de padronização da Feira (ITABAIANA, 2017).

Mesmo com mudanças, pontos em comum no tempo espaço permanecem entre as feiras, como a sua ocorrência semanal, semelhante às primeiras referências sobre feiras no Brasil a partir do século XVI:

[...] 20 – E assim ordenareis que, nas ditas vilas e povoações, se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira, a que os gentios possam vir vender o que tiverem e quiserem, e comprar o que houver mister; e assim ordenareis que os Cristãos não vão às aldeias dos gentios a tratar com eles, salvo os senhorios e gente dos engenhos, porque êstes poderão em todo o tempo tratar com os gentios das aldeias que estiverem nas terras e limites dos ditos engenhos. (...) – E tendo alguns Cristãos necessidade de em alguns dos outros dias que não forem de feira, comprar algumas cousas dos ditos gentios, o dirão ao Capitão que ele dará licença

<sup>11</sup> Descrição obtida através de pesquisa de observação.

<sup>12</sup> Nas terças e sextas, no turno da manhã, são armadas algumas bancas para o comércio de verduras e legumes, peixes e galinhas abatidas.



para as irem comprar, quando e onde lhe bem parecer (LISBOA, 1548 [2021], p. 5)<sup>13</sup>.

Outra aproximação está na função medieval para feiras e mercados, não há uma precisão quanto às suas definições (BRAUDEL, 1996; FOSSIER, 2008).

Essas reflexões aparentemente pueris sobre feiras, trocas, mercados, comércio, encontraram sentido ao estudar a formação territorial de um município sergipano que, apesar de ter uma geografia e uma história contemporânea abordadas em produções acadêmicas, os seus percursos iniciais de ocupação (populações originárias) e de reocupação humana (colonial) ainda são pouco conhecidos, a não ser uma repetição constante de um marco originário que não diz muito entre doações de sesmarias, e a compra e venda de uma porção de terras onde estaria a sede municipal (BRASIL, IBGE, 2021)<sup>14</sup>.

Para além da documentação é preciso compreender que a produção do espaço brasileiro, resulta em uma formação territorial que também dependia/depende de formas de existir, ainda que precárias, frágeis, não registradas, documentadas, mas que foram, e muitas ainda são necessárias (WISSENBACH, 1998), como uma feira. Essa é uma importância destacada por Mott (1976), ao mesmo tempo que analisa a dificuldade de encontrar registros sobre as primeiras feiras realizadas no Brasil, sinaliza se elas não podem ter sido pensadas também para outros objetivos, o que denota outras possibilidades de fontes:

Acreditamos que ao determinar a instalação das feiras no Brasil, logo após seu descobrimento, o Soberano Português tinha em mente muito mais provocar a concentração de mercadorias nativas a serem exportadas para a Metrópole, do que a satisfação das necessidades de subsistência imediata dos habitantes dos pequenos núcleos populacionais da Bahia, e muito menos ainda, da população indígena. Em outros termos, aspirava o Rei que se criassem no Brasil, feiras não apenas como as que existiam em Portugal, destinadas ao abastecimento dos moradores da circunvizinhança, mas principalmente, como as feiras de Angola, cuja função o era reunir a produção dos nativos (marfim, cera, metais) a fim de exportá-la para a Europa (MOTT, 1976, p. 84).

---

<sup>13</sup> Optamos por manter a grafia original de documentos citados neste texto.

<sup>14</sup> Avanços temáticos e novas abordagens podem ser encontrados em Carvalho (2001; 2009), Bispo (2013), Santos (1984), Carvalho; Costa (2012, 2021); Sousa (1996).

A falta de registros sobre feiras também não é diferente para grande parte dos municípios brasileiros que ainda carecem de estudos para localizar possíveis documentos sobre suas geografias e histórias<sup>15</sup>. Mas essa é uma lacuna preenchida principalmente pelas ciências humanas e sociais que podem garantir um sentido para o nosso território, principalmente por meio de fontes não escritas (GUIMARÃES; NASCIMENTO; VELOSO, 2007), como a Feira de Itabaiana.

Ainda que não se tenham registros documentais, existem ideologias geográficas (MORAES, 1991) que identificam o município a partir de signos repetidos entre seus habitantes, e marcas de ocupação na paisagem. Ideologias expressas em materialidades e sociabilidades aparentemente ‘naturais’, naturalizadas: ‘terra do ouro’, ‘terra de intolerância’ na resolução de questões políticas, lugar de apostas, de acertos de compra, trocas, de jogos de azar, das disputas políticas eleitorais acirradas, capital nacional do caminhão, da arte da filetagem em suas carrocerias. Itabaiana das verduras do Rio das Pedras, do costume de leis locais, do trabalho na terra, do comércio diversificado, terra de bons mestres de obras, carpinteiros, ferreiros, oleiros, do ‘orgulho’ fenotípico entre moradores relativo à passagem de uma invasão holandesa no século XVII<sup>16</sup> em Sergipe. Ideologias que criam uma marca “é de Itabaiana”! Mas, por que esses signos e não outros? Por que essa marca? A Feira é uma dessas marcas?

A “marca” pode integrar as determinações para essa formação territorial, poderia ser um sentido dentro do outro: a ideologia externa de ocupação – explorar colonizar, e as ideologias internas de fundir essas determinações: processos que formam concepções de território (MORAES, 1991, p. 96). Por exemplo, o que foi/é Itabaiana, na formação territorial brasileira? A Feira é uma fonte desse processo. Não é um ‘tema acabado’, mas, um amálgama em movimento como pode se ler a seguir.

---

<sup>15</sup> A exploração colonial legou ao Brasil uma ausência e/ou fragmentação de fontes documentais, além da diversidade delas, que ainda precisam ser coligidas e/ou analisadas (SOUSA NETO, 2000).

<sup>16</sup> E uma possível negação de indígenas e de negros, como também de uma população branca ou ‘mestiça’ livre e pobre, na formação territorial. No Censo de 1872 não foi recenseada a então Paróquia de Santo Antônio e Almas de Itabaiana (IBGE, 1872 [2021]).

## RESULTADOS

### O que a Feira desvela?

O sentido da feira, como espaço para comércio de víveres, ocorre praticamente em todo o Brasil, e deriva, provavelmente, de necessidade inicial para as paragens em que não existiam mercados<sup>17</sup>, como espaço para reunir, regularmente, um lugar para o qual pessoas pudessem acorrer para compra e troca de alimentos, serviços, como ferreiros, carpinteiros (PIRENNE, 1982).

Esses argumentos decorrem de pesquisa bibliográfica sobre feiras em cronologias mais recuadas na historiografia de medievalistas, principalmente europeus, onde as feiras já constavam no vocabulário medieval, como assinalam Braudel (1996) e Cassagnes-Brouquet (2008). Por ser uma palavra antiga, uma busca por seu significado em antigos dicionários de língua portuguesa (BLUTEAU, 1712, 1728; BLUTEAU; SILVA, 1789), que ajudam a rastrear a sua significação com algum confronto e proximidades de sentido.

Feiras e mercados muitas vezes apareceram associados. Para Bluteau (1712-1728, p. 2724), no verbete ‘feira’, define: “[...] mais provável, que Feira se derive do Latim *Forion*, que era o lugar, ou praça destinada para a venda dos mantimentos (...) havia duas castas de feiras; humas que são próprias, e particulares de certas cousas, como [sic] e a Feira dos Boys”. Rubim (1853, p. 3997), define “Mercado” como: “o lugar em que se vende e se compra. Distingue-se da feira, e que a feira acode mercadores de fora, no mercado são da terra”. Assim como Bluteau; Silva (1789, p. 605) “feira: lugar onde em certos dias semanaes, mensais, ou de anno a anno concorrem tratantes, mercadores, e lavradores a vender os produtos da terra, e das artes, e mecânicas”<sup>18</sup>.

Com a etimologia, compreende-se que a significação da feira está próxima à da função do mercado com a presença de vendedores locais vindos de fora do município de Itabaiana. Os relatos orais entre moradores mais antigos, e escritos sobre mercados na cidade de Itabaiana os associam à Feira. São três os

---

<sup>17</sup> Apenas uma conjectura, porque vários estudos colocam as feiras associadas aos mercados e vice-versa.

<sup>18</sup> Um exercício etimológico pode ser observado também em Morgado e Cunha (2019).

mercados: Zezé de Bevenuto<sup>19</sup>; Mercado de Carne João do Volta (Talho de Carne Verde), Mercadão das Verduras (Mercado de Hortifrutigranjeiro Governador Antônio Carlos Valadares). Carvalho (2001) menciona a presença de um mercado na Praça da Matriz desde o século XIX, mas, segundo o mesmo autor, a feira ao ar livre é anterior.

Sobre o mercado construído na Praça da Matriz, em 1889, apresenta a seguinte descrição:

Do outro lado da igreja, tendo à frente para o nascente, o aglomerado comercial. Ainda não existia o Mercado Municipal, mais tarde erguido no canto, onde hoje é a sede da Prefeitura. Toda a feira era então realizada ao ar livre. (CARVALHO, 2001, p. 34).

Sobre a Feira, ainda nos registros coligidos por Carvalho (2001, p. 497), outros usos: controle do comércio de víveres por meio de impostos, e a Feira, ou as Feiras (no mesmo espaço em dias distintos), como instrumentos da política ‘partidária’ local, como se registrou em 1918:

Um dos fatos mais importantes da época se relaciona com a mudança da feira, da Praça Santo Antônio para a Praça da Matriz. O lugar da feira é um problema para cabaús e pebas<sup>20</sup>. Os primeiros queriam que feira ficasse na Praça Santo Antônio. Os segundos no lugar primitivo: a Praça da Matriz (CARVALHO, 2001, p. 497).

Apesar da importância da Feira, muitos processos podem não ter sido registrados. Segundo Sato (2012, p. 59), ao estudar a feira livre em São Paulo, “existem poucos dados estatísticos para dimensionar a feira livre como mercado de trabalho”. A Feira de Itabaiana foi declarada patrimônio histórico-cultural e imaterial (ITABAIANA, 2013), mas não explicita o reconhecimento de lugar de acesso a alimentos para uma nutrição adequada como se lê no Quadro 2.

---

<sup>19</sup> LEI Nº 873/98 DE 01 DE DEZEMBRO de 1998, Art. 1º - O Mercado Municipal situado entre as Ruas Antonio Oliveira Mendonça, Augusto Maynard, 7 de setembro e Largo Santo Antônio passará a denominar-se de Mercado Municipal José Bispo de Lima (Zezé de Bevenuto) (ITABAIANA, 1998).

<sup>20</sup> Referências a dois partidos desde o Império e que se adequaram na República, Pebas: Partido Republicano Federal (liberal); Cabaús: Partido Republicano (Conservador); “(...) em virtude dos ideais atrasados professados pelos chefes de alguns monarquistas”. Essas “duas alas políticas dividiram Sergipe durante grande parte da República Velha” (CARVALHO, 2001, p. 157; 159; 140). Ver também: Menezes (2010).

### Quadro 2 - O que se compra na Feira?

#### O que você compra na Feira? (23 respostas)

“Frutas, verduras e carne.  
Feijão, farinha frutas legumes  
Verduras, frutas, carne...  
Apenas vendo!  
Verduras, frutas, legumes, roupas  
Frutas, verduras e carnes.  
verduras, carne, peixe, frutas, roupa, farinha, raízes etc.  
Frutas e carnes roupas e lanches  
Alimentos, e objetos utilizados no dia a dia  
Verduras, legumes, frutas  
Tudo o que preciso  
Amendoim, tapioca, frutas, requeijão, Camarão.  
Legumes e leguminosas  
Frutas, verduras, caldo de cana e pastel  
Carne, verduras, legumes, frutas e farinha  
Frutas, verduras, roupas  
Só alimentação para se manter na feira  
Frutas, verduras e roupa  
Verduras, frutas  
Alimentos, ferramentas.  
Alimentos: Frutas, verduras, carne e outros  
Verduras, farinha, frutas e camarão.  
Frutas, carnes, legumes”.

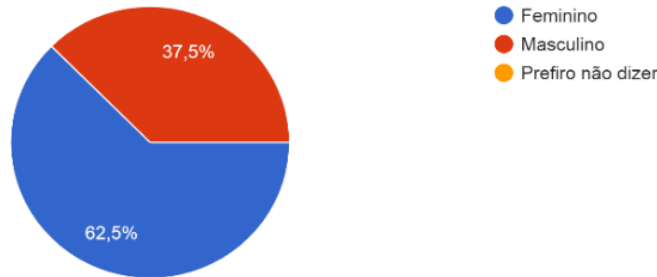
Fonte: As autoras, dados do questionário *online* (2021).

No processo de pesquisa, um questionário sobre a Feira trouxe mais alguns elementos. A Figura 2 destaca a presença de mulheres<sup>21</sup> (no sentido de gênero como a pessoa se sente e se percebe) na Feira. Dado visualizado em campo, sobretudo no comércio de roupas, frutas, cereais, alimentos tradicionais (bolos e beijus), hortaliças. As carnes verdes costumam ser negociadas por homens.

<sup>21</sup> Em 2021, na avenida Otoniel Dória, foi colocada a estátua “A Feirante”, que representa o papel e o destaque das mulheres feirantes em Itabaiana (SERGIPE, 2021).

**Figura 2 – Gênero**

Gênero  
24 respostas

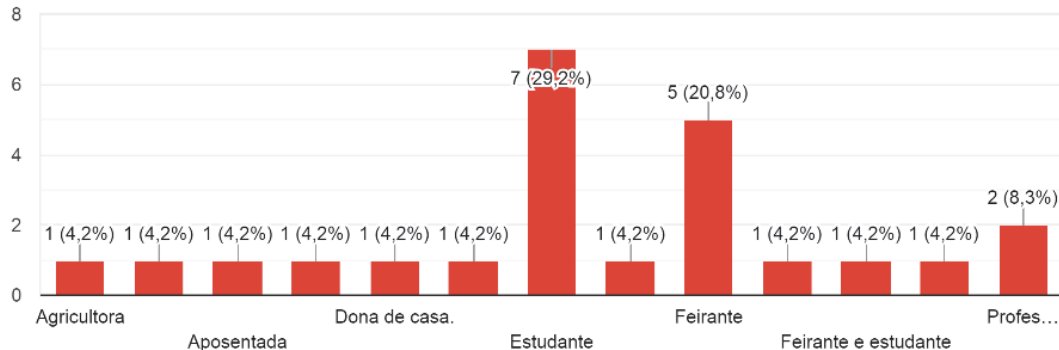


Fonte: As autoras (2021).

Quanto à profissão, os estudantes figuraram em maior número entre os entrevistados<sup>22</sup> (Figura 3).

**Figura 3 - Profissão**

Sua profissão?  
24 respostas



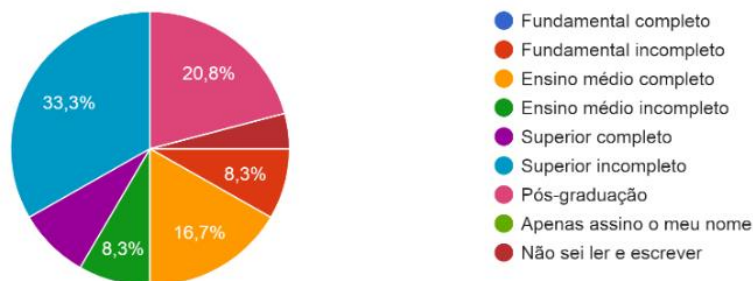
Fonte: As autoras (2021).

Na escolaridade (Figura 4) e procedência de moradia (Figura 5) sobressaem estudantes de nível superior incompleto 33,3%, e um percentual de 4,2% de pessoas que não sabem ler e escrever. A prevalência é para pessoas que vivem no campo.

<sup>22</sup> A escolha do perfil devido às necessidades impostas na pandemia com limitações de acesso à Feira. O acesso remoto a estudantes de graduação foi a saída. Como dito, muitos são camponeses e/ou feirantes.

**Figura 4 - Escolaridade**

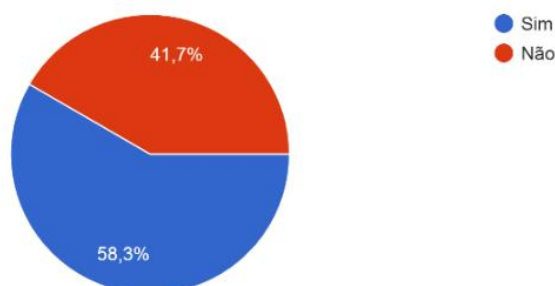
Escolaridade  
24 respostas



Fonte: As autoras (2021).

**Figura 5 - Procedência – se reside na cidade ou no campo**

Você vive no campo?  
24 respostas



Fonte: As autoras (2021).

Sobre a origem do que é vendido na Feira (Figura 6), a maioria não produz o que vende (55,6%), no entanto, registram-se vendas ao ‘atravessador’, ao ‘negociante’ que compram diretamente nas “malhadas” e repassam para as vendas em atacado ou no varejo. Ainda que muitos vendedores não sejam produtores, mas quando vendem na Feira há uma prevalência de produtos agrícolas.

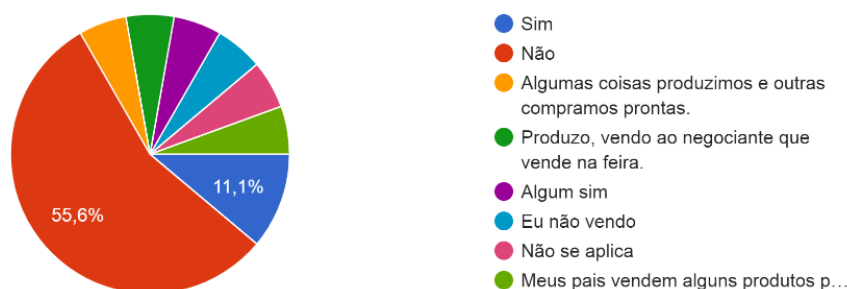
Não se conseguiu obter a origem do montante comercializado se é proveniente do agronegócio ou de origem camponesa. Mas na observação in loco, bancas, cestos, e caixas plásticas com mercadorias em menor quantidade geralmente são de camponeses e/ou extrativistas, e respectivas mercadorias,

como ouricuri, maturi, coco, caranguejo, camarão de água doce, macaxeira, amendoim, manga espada, jenipapo, ervas medicinais, entre outros.

**Figura 6 - Produz o que vende?**

Você produz o que vende?

18 respostas



Fonte: As autoras (2022).

O trabalho na feira geralmente foi/é silenciado na formação territorial brasileira, porém vital, devido ao comércio e troca de alimentos considerados essenciais, como a farinha de mandioca<sup>23</sup>, os feijões, as carnes verdes, hortaliças, e frutas de alguns sítios, além de mercadorias decorrentes de ofícios tradicionais, também presentes ou em seu entorno, como ferreiros, oleiros, extrativistas. Assim, a Feira traz um debate agrário, uma vez que grande parte dos produtos comercializados no passado e atualmente, evocam a terra, o trabalho e o campesinato, também o agronegócio, nas contradições, nas mediações, na totalidade do capitalismo (ANDRADE, 2011; LIMA, 2012; OLIVEIRA, 2018).

O campesinato<sup>24</sup> é uma força motriz para a ocupação humana na formação territorial de Itabaiana e brasileira. Arriscar essa afirmação tem fundamentos na paisagem que forma esse território, como teorizou Lefebvre (2011) sobre o *Campan*, como também em fontes primárias impressas sobre Itabaiana (LIMA JUNIOR, 1914; SOUZA [1808], 2005).

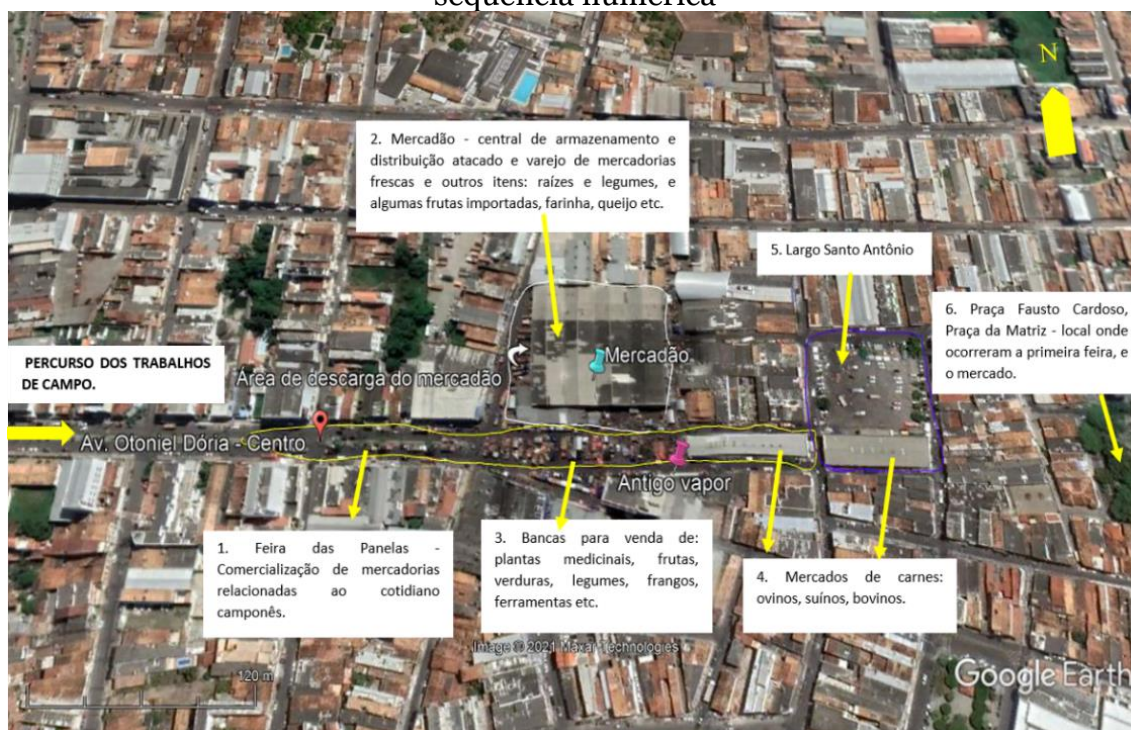
<sup>23</sup> Atualmente a farinha de mandioca não tem tanto destaque na economia local (Ver: SERGIPE, 2018; SERGIPE, 2019), mas, relacioná-la como “é de Itabaiana” garante uma melhor venda. Sobre a carne bovina, ver Tabela 2.26 da Pesquisa da Pecuária Municipal (IBGE, PPM, 2021).

<sup>24</sup> A opção pela categoria camponês é teórica (CONCEIÇÃO, 1991; FORMAN, 2009), no sentido de um instrumento de práxis.



Outro dado a considerar, é o papel da Feira na formação territorial da cidade. Um dos marcadores de ocupação colonial nas cidades brasileiras são as praças e suas igrejas matrizes e poderes civis (câmaras, cadeias etc.) (SANTOS, 2015), mas em Itabaiana, além da igreja, também uma feira na Praça da Matriz; condição esta observada na Europa por medievalistas como Pirenne (1982). Esta é uma inferência considerada na metodologia da pesquisa, que incluiu lugares antigos e recentes de ocorrência da Feira no percurso dos trabalhos de campo (Figura 7), e respectivos registros fotográficos<sup>25</sup> (Figuras 8, 9 e 10).

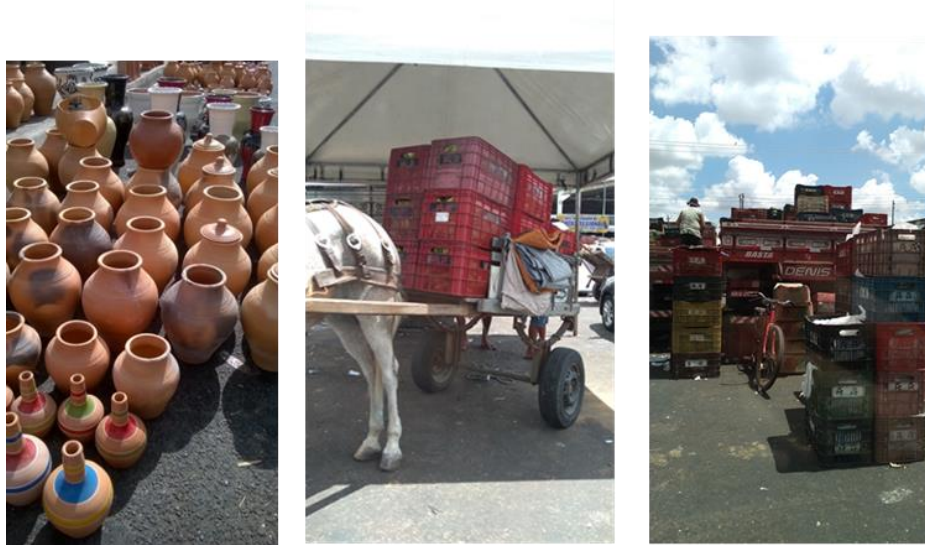
**Figura 7** - Identificação dos percursos de observação da Feira de Itabaiana – sequência numérica



Fonte: Google Earth (2020) com adaptações das autoras.

<sup>25</sup> A feira começou a ser utilizada como local para trabalho de campo de pesquisa geográfica em 2016, e a partir de 2017 começou a ser pesquisada em projetos de iniciação científica.

**Figura 8** - Mosaico - Aspecto da ‘Feira das Panelas’; e formas de transporte no entorno do Mercado



Fonte: autoras (2017, 2018).

**Figura 9** – Mosaico - Entre o Mercado e o Mercado João do Volta



Fonte: As autoras (2017).

**Figura 10** – Mosaico - Detalhes externo e interno do Mercado Zezé de Bevenuto no Largo Santo Antônio



Fonte: As autoras (2017, 2021).

A Feira traz singularidades ao território. Neste sentido, pode-se perceber o quanto a Feira permite que além das relações comerciais, se estabeleçam vínculos, sociabilidades construídas mediante a confiança, como as amizades e compadrios (SATO, 2012), além do reconhecimento sobre a importância do ofício do feirante, da terra e do trabalho camponês na produção de alimentos. Evidente que existem contradições. Por exemplo, quando os camponeses negociam diretamente o que produzem, muitos compradores querem, por esse motivo, baixar os preços, alegam que poderiam ser mais baratos. Seria uma desvalorização do camponês decorrente de mediações do capitalismo para apropriação da terra e desse trabalho (GARCIA-PARPET, 2008)<sup>26</sup>.

Outra contradição está no agronegócio que é ‘visível’ principalmente na quantidade e diversidade de algumas mercadorias, como batata inglesa e cenoura e outras não produzidas em Sergipe. Oliveira (2018), destaca essa presença a partir de rótulo com palavra estrangeira em caixas de alho comercializadas no Mercado, sugere contradições do modo de produção capitalista sob a propaganda, principalmente a internacionalização de terras brasileiras. Na contramão de rótulos “pop”, para muitos que ‘fazem a Feira’, e que não percebem essas ‘armadilhas’, a preocupação é ter uma renda suficiente para comprar, ao menos, ‘a carne da semana’<sup>27</sup>.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Voltar a Thompson (2008), para recordar como o preço de um alimento pode mediar conflitos entre cidade e campo. Na feira estudada essa compreensão se expressa de forma latente. Mas, Leni Sato (2009), destacou essa relação entre alimentos e trabalhadores:

Descobri que em 1917, quando em São Paulo houve uma grande greve de trabalhadores de várias categorias profissionais, uma das reivindicações era a de que fosse garantida a instalação de feiras livres em vários pontos da cidade de modo a prover a população com gêneros de primeira necessidade a preços acessíveis. (SATO, 2009, p. 229).

---

<sup>26</sup> Relato obtido em 2020.

<sup>27</sup> Relatos obtidos em trabalhos de campo, 2020.

A afirmação da autora corrobora com as reflexões da relação entre o papel da feira na mediação campo cidade, como um recurso para alimentar a força de trabalho, ainda que não seja pelo ‘pão’!<sup>28</sup>. O controle do preço e da oferta de alimentos vendidos na feira livre podem estabelecer mediações com a chamada insegurança alimentar, que, a partir da carência nutricional debilita, sobretudo, o pensamento e a ação das pessoas: “A falta temporária de alimentação suficiente, que quase todo trabalhador experimenta pelo menos uma vez na vida, apenas agrava as consequências de uma alimentação normalmente má” (ENGELS, 2008, p. 141).

A compreensão da importância da alimentação tem sido escamoteada sob a ilusão, principalmente midiática (CHÃ, 2018), de que a agroindústria brasileira provém os alimentos necessários, ao alienar o sentido real da expansão do agronegócio e suas determinações que alteram e controlam o que deve, e quem deve comer (BLACHA, 2020; FRANÇA, 2021).

A Feira “é de Itabaiana” está no espaço tempo do capital. Reconhecer sua historicidade e espacialidade possibilita acessar que: “[...] O conhecimento das condições de vida [do proletariado] é, pois, imprescindível para, de um lado, fundamentar com solidez as teorias socialistas e, de outro, embasar os juízos sobre sua legitimidade” (ENGELS, 2008, p. 41). Não foi/é a pretensão deste texto alcançar essa amplitude, trata-se de um exercício incipiente de leitura do real concreto: o movimento de espaços e de tempos, do trabalho humano sobre a natureza expressos na Feira.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. S. **As feiras livres sob a lógica do capital:** da produção camponesa à subsunção do trabalho na circulação. 2011. 193 fl. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

BISPO, J. A. **Itabaiana, nosso lugar:** quatro séculos depois. Aracaju: Infographics, 2013.

BLACHA, L. El menú del agronegocio: monocultivo y malnutrición del productor al consumidor (1996-2019). **Revista História: Debates e Tendências**, v. 20, n. 2, p. 9 - 24, 29 abr. 2020.

---

<sup>28</sup> O pão é um dos alimentos destacados por Engels (2008) como parte da alimentação dos trabalhadores. Em Sergipe, sobretudo nos períodos de estiagem, havia uma preocupação em distribuição da farinha de mandioca entre os pobres (CARVALHO, 2001).



BLUTEAU, R. **Vocabulário português, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...**: autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesus: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v; 2. Suplementos. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico>. Acesso em 25 ago.2021.

BLUTEAU, R.; SILVA, A. M. **Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado ....** 1. ed. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, [1789]. 2v.: v. 1, 752 p.; v. 2: 541 p. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-portugueza-recompilado-dos-vocabularios-impessos-ate-agora-e-nesta-segunda-edi%C3%A7%C3%A3o-novamente-emendado-e-muito-acrescentado-por-antonio-de-moraes-silva/?q=mercado>. Acesso em 25 ago.2021.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, v. 2 (O jogo das trocas).

CARVALHO, D. M.; COSTA, J. E. (Orgs.) **A geografia (des)conhecida de Itabaiana/SE**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2012.

CARVALHO, D. M.; COSTA, J. E. A centralidade regional do município de Itabaiana na comercialização agrícola de Sergipe. **Anais do XIV ENANPEGE...** Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/77583>. Acesso em: 13 fev. 2022.

CARVALHO, V. S. **Vila de Santo Antônio de Itabaiana**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda., 2009.

CARVALHO, V. S. **A República Velha em Itabaiana**. Aracaju (SE): Fundação Oviêdo Teixeira, 2001.

CASSAGNES-BROUQUET, S. Novas cidades, novos ricos. In: LACERDA, R. (org.). **Arquivos História Viva**. Os melhores textos sobre a Idade Média. São Paulo: Duetto Editorial, n. 3, v. 6, p. 42-47, 2008.

CHÃ, A. M. **Agronegócio e indústria cultural**: estratégias das empresas para a construção da hegemonia. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

CONCEIÇÃO, A. L. **A questão camponesa**: sob o olhar do signo dialético. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1991.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2011.

- EMBRAPA. **Módulos Fiscais**. 2021. Disponível em: <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/area-de-reserva-legal-arl/modulo-fiscal>). Acesso em: 14 out. 2021.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FORMAN, S. **Camponeses: sua participação no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.
- FOSSIER, R. **O trabalho na Idade Média**. Tradução de Marcelo Berriel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- FRANÇA, K. A. Nutricídio: a relação entre a indústria da agropecuária e a produção da fome no Brasil. **EcoDebate**. 13/04/2021. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2021/04/13/nutricidio-a-relacao-entre-a-industria-da-agropecuaria-e-a-producao-da-fome-no-brasil/#footnote8back>. Acesso em: 18 jan.2022.
- GARCIA-PARPET, M. F. Mercado e modos e dominação: a feira e as vinculações de trabalhadores na plantation açucareira nordestina. *In*: NEVES, D. P.; SILVA, M. A. M. **Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2008. p. 69-87.
- GUIMARÃES, C. M.; NASCIMENTO, E. L. M.; VELOSO, G. P. Arqueologia e campesinato: vestígios de uma categoria social. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 93–131, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11933>. Acesso: 14 mar. 2021.
- HOBSBAWM, E. J. **Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 6.ed. Tradução de Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- IBGE. **Recenseamento do Brasil em 1872**. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger. Ano: [1874?], V. 12. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477\\_v12\\_se.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v12_se.pdf). Acesso em: 02 jan.2021.
- IBGE. **PPM - Pesquisa da Pecuária Municipal**. Tabela 2.26 – Sergipe. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-producao-da-pecuaria-municipal.html?=&t=resultado>. Acesso em: 02 jan. 2021.
- IBGE. **Itabaiana**. História & Fotos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/itabaiana/historico>. Acesso em: 02 jan. 2021.

ITABAIANA (SE). PMI. **Decreto Lei nº 74, de 10 de julho de 1952**. Cria uma feira livre. Itabaiana: Câmara Municipal de Itabaiana, 1952. Disponível em: <https://cmitabaiana.se.gov.br/lei/828/cria-uma-feira-livre>. Acesso em: 23 jun. 2021.

ITABAIANA (SE). PMI. **Lei Nº 873/98 DE 01 de dezembro de 1998**. Dispõe sobre nome de Prédio Municipal de nossa Cidade e dá outras providências. Itabaiana: Câmara Municipal de Itabaiana, 1998. Disponível em: <https://cmitabaiana.se.gov.br/lei/405/nome-de-mercado-municipal>. Acesso em: 23 jun. 2021.

ITABAIANA (SE). PMI. **Lei 1606, de 10 de junho de 2013**. Declara a Feira Livre de Nosso Município como Patrimônio Histórico Cultural e Imaterial. Itabaiana: Câmara Municipal de Itabaiana, 2013. Disponível em: <https://cmitabaiana.se.gov.br/lei/1775/declara-a-feira-livre-de-nosso-municipio-como-patrim-nio-hist-rico-cultural-e-imaterial>. Acesso em 23/06/2021. Acesso em: 23 jun. 2021.

ITABAIANA (SE). PMI. **Feira Livre de Itabaiana**. Itabaiana: Câmara Municipal de Itabaiana, 2017. Disponível em: <https://itabaiana.se.gov.br/texto/7/feira-livre-de-itabaiana>. Acesso em: 20/06/2021.

LEFEBVRE, H. **O Vale de Campan**: Estudo de Sociologia Rural. Tradução de Ana Cristina Mota Silva, Anselmo Alfredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

LIMA, E. D. **A feira livre na mediação campo-cidade**. 2012. 185 fl. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

LIMA JUNIOR, C. Monographia Historica do Municipio de Itabayana. **Revista do IHGSE**. Aracaju, vol. 2, n. 4, p. 128-149, 1914.

LISBOA, A. H. U. **Regimento que levou Tomé de Souza governador do Brasil, Almerim, 17/12/1548**; Lisboa, AHU, códice 112, fls. 1-9.

LUXEMBURGO, R. **A acumulação do capital**: estudo sobre a interpretação econômica do Imperialismo. Tradução de Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

MAPA. INCRA. Superintendência Regional e Sergipe – SR 23. **Relatório de Análise de Mercado de Terras – RAMT Sergipe**. Aracaju: INCRA – SR 23, 2021. 145p. Disponível em: [https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/relatorio-de-analise-de-mercados-de-terras/RAMT\\_SR23\\_SE\\_2020\\_parcial.pdf](https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/relatorio-de-analise-de-mercados-de-terras/RAMT_SR23_SE_2020_parcial.pdf). Acesso em: 22 out. 2021.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital [1867]. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. 2.ed. 2<sup>a</sup>. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MENEZES, W. **Breve histórico sobre a feira de Itabaiana**. Disponível em: <http://culturaitabaiana.blogspot.com/2010/06/breve-historico-sobre-feira-de.html>. 2010 Acesso em 13 jan.2021.

MORAES, A. C. R. **Ideologias Geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil**: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI. 2.ed. São Paulo: Annablume, p. 15-27, 2011.

MORAES, A. C. R.; COSTA, W. M. A Geografia e o processo de valorização do espaço. In: SANTOS, M. (org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, p. 111 – 130. 1984.

MORGADO; CUNHA, P. A. **As Feiras no Portugal Medieval (1125- 1521)**: Evolução, Organização e Articulação. 2019, 396 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Medievais) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/124544/2/369026>. Acesso em 12/06/2021.

MOTT, L. R. B. Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil. Separata de **Revista de História**, São Paulo, n. 105, p. 81-106, 1976.

OLIVEIRA, R. S. Através do rótulo: presença do agronegócio na Feira de Itabaiana, Sergipe. In: SEMANA DE GEOGRAFIA – Estado e reformas políticas em tempos de crise, 2018, Itabaiana. **Anais [...]**. Itabaiana: Departamento de Geografia (DGEI), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Prof. Alberto Carvalho, 2018. p. 30-42. [Documento disponibilizado por e-mail aos participantes].

PINSKY, C. B. Apresentação. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. 2<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010. p. 7-8.

PIRENNE. H. **História Econômica e Social da Idade Média**. Tradução: Lyrurgo Gomes da Motta. Editora Mestre Jou, São Paulo, 1982.

RUBIM, B. C. **Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa**. Rio de Janeiro : Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito Impressor da Casa Imperial, 1853. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/search/?q=rubim>. Acesso em 01/06/2021.



RUSSEL-WOOD, J. **Histórias do Atlântico Português**. Organização de Ângela Domingues, Denise A. Soares de Moura. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

SANTOS, J. P. C. dos; SANTOS, J. L. Mapa Marcas de Formação Territorial de Itabaiana – Memórias, Patrimônio Cultural e Natural. *In*: SANTOS, F. de O. **Exposição de curta duração “Das minas de prata a outros interesses: fontes e temas sobre a formação territorial de Itabaiana”**. Itabaiana, SE: Campus Prof. Alberto Carvalho. Novembro, 2017. 11 painéis.

SANTOS, M. N. **Vila de Santo Antônio a Almas de Itabaiana no século XIX (1850-1888)**. UNICAMP, Campinas, 1984. 94 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas).

SANTOS, P. **Formação de cidades no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Ed. da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

SATO, L. Visitando a feira livre: notas sobre sua organização e seu trabalho. **Mnemosine**. Rio de Janeiro, UERJ. Vol.5, n. 2, p. 227-248, 2009.

SATO, L. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SERGIPE. SEAGRI. EMDAGRO. **Análise conjuntural sobre a cultura da mandioca**. Aracaju, SE: digitado. Set., 2019. 20p. Disponível em: <https://www.emdagro.se.gov.br/wp-content/uploads/2019/11/An%C3%A1lise-Conjuntural-Cultura-da-Mandioca-set-2019.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SERGIPE. FUNCAP. **Escultura Artística é inaugurada em Itabaiana**. 16/09/2021. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:s2-giMrsmrkJ:https://funcap.se.gov.br/escultura-artistica-e-inaugurada-em-itabaiana/&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 22 dez. 2021.

SERGIPE. SEAGRI. EMDAGRO. **Informações Básicas Municipais Município de Itabaiana**. Aracaju: SEAGRI; EMDAGRO, jun., 2018. 15p. Disponível em: <https://emdagro.se.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/ITABAIANA-Infoma%C3%A7%C3%B5es-B%C3%A1sicas-Municipal-2018.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SERGIPE. Governo do Estado de Sergipe. SEGG. Observatório de Sergipe. **Perfil da Agricultura Sergipana**. 2018.

SOUSA, A. L. **“Homens de parte com o diabo”**; violência, medo e ordem pública no cotidiano das fronteiras e do agreste de Itabaiana, SE (1889-1930). Dissertação (Mestrado em história) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 1996.

SOUSA NETO, M. F. As outras histórias. Ou da necessidade delas. **Terra Brasilis** [online], n. 2, 2000. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/321>. Acesso em: 23 jan.2018.

SOUZA, J. S. Dinâmica socioespacial das feiras livres em Boa Vista – Roraima-Brasil: A Feira do Garimpeiro e a Feira do Petrolândia. **GEOTemas**. Pau dos Ferros, v.11, p. 01-22, 2021. Disponível em: <https://natal.uern.br/periodicos/index.php/GEOTemas/article/view/2796>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SOUZA, D. M. A. **Memórias sobre a capitania de Sergipe**. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe; Secretaria do Estado da Cultura, [1808], 2005.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução Rosaura Einchemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WISSENBACH, M. C. C. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. *In*: SECVCENKO. Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 52-130. V. 2.

Recebido em 29 de Junho de 2022  
Aceito em 05 de Dezembro de 2022